



Revista Pistis & Praxis: Teologia e

Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Fernandes, Márcio Luiz; Žak, Lubomir

O “canto do cisne” do Leonardo da Vinci russo: introdução à obra carcerária de Pavel A.
Florenskij

Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 6, núm. 1, enero-abril, 2014, pp. 321-348
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449748253017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



O “canto do cisne” do Leonardo da Vinci russo: introdução à obra carcerária de Pavel A. Florenskij

*The “swan song” of Russian Leonardo da Vinci: introduction
to the prison work of Pavel A. Florenskij*

Márcio Luiz Fernandes^[a], Lubomir Žak^[b]

^[a] Doutor em Psicologia pela USP, mestre em Teologia fundamental pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, pós-doutorando no Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP), professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR - Brasil, e-mail: marciovconde@yahoo.com.br

^[b] Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, livre-docente pela Universidade Palacký de Olomouc, República Tcheca, professor visitante da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e da Universidade de São Paulo (USP), professor de Teologia e vice-decano na Pontifícia Universidade Lateranense, Roma - Itália, email: zak@pul.it

Resumo

P. A. Florenskij (1882-1937), pensador e cientista russo, reconhecido pelo seu poliédrico interesse no campo do conhecimento, foi um dos defensores da necessidade de um pensamento capaz de aproximar e descrever o real em sua multiforme complexidade. O eloquente e convincente testemunho deste pensamento é a sua copiosa e ampla produção filosófico-teológica e científica. Em 1933, quando regime soviético decidiu levar

Florenskij para a prisão em um campo de concentração, as cartas escritas aos familiares tornaram-se ocasião para que ele pudesse refletir pela última vez sobre aquelas intuições originais que estavam na base do seu projeto sobre o “pensamento integral”. Este artigo pretende mostrar como esta particular intenção – com suas características e aplicações – está presente na correspondência carcerária. O objetivo principal será apresentar as cartas do gulag como uma obra que consegue concretizar o ambicioso e sempre atual projeto de Florenskij em um modo lúcido e exemplar, demonstrando sua funcionalidade até mesmo nas condições dramáticas e proibitivas de vida e trabalho.

Palavras-chave: Pensamento complexo. Cartas. Teologia fundamental. Pavel Florenskij.

Fenomenologia simbólica.

Abstract

P. A. Florensky (1882-1937), Russian scientist and thinker, recognized for his multi-faceted interest in the field of knowledge, was one of the defenders of the need for a thinking able to approach and describe reality in its multiform complexity. The eloquent and convincing testimony of this thinking, is his copious and comprehensive philosophical-theological and scientific production. In 1933, when the Soviet regime decides to arrest Florensky and take him to a concentration camp, the letters written to his relatives become an occasion when he could reflect for the last time about those original intuitions that were at the basis of its project on “integral thought”. The article aims to show how this particular intention – with its characteristics and applications – is present in the prison correspondence. The main objective will be to present the letters of the gulag as a work that manages to achieve the ambitious and always current Florensky’s project in a lucid and exemplary manner, demonstrating its functionality even in dramatic and prohibitive conditions of life and work.

Keywords: Complex thinking. Letters. Fundamental theology. Pavel Florensky. Symbolic phenomenology.

Riassunto

P. A. Florenskij (1882-1937), pensatore e scienziato russo di riconosciuta poliedricità, è stato uno dei convinti sostenitori della necessità di un pensiero capace di avvicinare e descrivere il reale nella sua multiforme complessità. La sua ampia opera filosofico-teologica e scientifica ne è una eloquente e convincente conferma. Quando il regime

sovietico decide di rinchiudere Florenskij nel 1933 in un campo di concentramento, le lettere scritte ai famigliari diventano l'occasione per potersi soffermarsi per l'ultima volta su quelle originali intuizioni che stanno alla base del suo progetto del “pensiero integrale”. L'articolo intende far vedere come questa particolare intenzione è presente nella corrispondenza carceraria di Florenskij, mettendone in luce le caratteristiche e applicazioni. Soprattutto, però, intende presentare le lettere dal gulag come un'opera che riesce a concretizzare il suo ambizioso e sempre attuale progetto in modo davvero lucido ed esemplare, dimostrando la sua funzionalità persino nelle condizioni drammatiche e proibitive di vita e di lavoro.

Parole-chiave: Pensiero complexo. Lettere. Teologia fondamentale. Pavel Florenskij. Fenomenologia simbólica.

Introdução: a herança humana e cultural de um mártir

O gênero dos escritos da prisão pertencem à história do Cristianismo. De fato, ele foi utilizado desde o início para comunicar a coragem dos cristãos perseguidos e martirizados e para compartilhar a experiência espiritual por eles vivida. Tal gênero nasce, como é noto, com as cartas escritas por Paulo desde a prisão. Convém sublinhar, no entanto, a variedade de formas com que aparece: ora em prosa ou em poesia, ora de modo epistolar. Pode-se notar seu uso nas sete cartas de Santo Inácio de Antioquia, com o opúsculo *De consolatione philosophiae* de Boécio, nas poesias de João da Cruz, nas cartas do cárcere e nas obras *Treatise on the Passion*, *A Treatise to Receive the Blessed Body of Our Lord*, *A Dialogue of Comfort Against Tribulation* e *De tristitia Christi* de Tomas Morus, no memorial *As minhas prisões* de Silvio Pellico e em numerosos outros escritos, demonstrando a fecundidade dessa forma literária também em nosso tempo. De fato, o século passado pode ser considerado período entre os mais significativos na proliferação dos escritos pertencentes a esse particular gênero literário. Eles foram compostos — se nos limitarmos à área europeia — nas prisões e nos campos de concentração idealizados e supervisionados por fanáticos e pelos carcereiros, seja do nacional-socialismo e facismo, seja do comunismo stalinista-soviético.

Dentre os textos nascidos nas desumanas condições dos temidos *gulags* soviéticos, devem ser destacados, por exemplo, os sonetos e os breves artigos de filosofia de Lev P. Karsavin¹, condenado injustamente pelo regime de Stalin e morto como prisioneiro em 1952, mas também o precioso livro de orações², escrito à mão (em 1953) por um pequeno grupo de jovens lituanos deportados, depois da Segunda Guerra Mundial, em um *gulag* siberiano.

Quanto aos escritos redigidos no clima de terror dos cárceres e dos *lager* do Terceiro Reich, devem ser citados: o epistolário de Franz Jägerstätter³, levado à guilhotina em 1943 por ter se recusado a enfileirar-se na *Wermacht*; as cartas, as meditações e outros textos do jesuíta Alfred Delp⁴, enfocando em 1945 por ordens de Hitler; os tocantes escritos do pastor e teólogo evangélico Dietrich Bonhoeffer⁵, condenado em 1945 por ter participado na organização do atentado contra o *Führer*; ou ainda a vasta obra carcerária do instancável pacifista e ecumenista Max Josef

¹ O filósofo russo, antes de morrer, confiou todos esses escritos a um outro prisioneiro, que não só conseguiu levá-los para fora dos gulag, mas sentiu a necessidade de publicá-los. Cf. VANEEV, A. A. *Dva goda v Abezi: V pamja'* o L. P. Karsavina. Bruxelas: Žizn's Bogom, 1990; a tradução italiana dos sonetos, com uma detalhada introdução ao pensamento deste autor, encontra-se em SICLARI, A. D. *I sonetti di L. P. Karsavin: storia e metafisica*. Milão: Francoangeli, 2004. Além disso, pode-se consultar SICLARI, A. D. *L'estetico e il religioso in L. P. Karsavin*. Milão: Francoangeli, 1998, com a tradução do *Poema sulla morte*.

² Uma cópia desse livrinho, intitulado *Maria, gelbékí mus* ("Maria, salva-nos"), foi mais tarde retirada do *gulag*, tornando-se imediatamente um texto muito amado pelos cristãos na Lituânia, naquela época pertencente à União Soviética, e também por todos aqueles que viviam fora da pátria. De fato, em 1985 foi publicada na Alemanha a quinta edição (1960), com 110 mil cópias (Cf. KARSAVIN, L. P. *Maria, rette uns: a cura di Casa dell'incontro Königstein-Taunus*. Limburg an der Lahn: Pallottinerdruck, 1985).

³ Cf. JÄGERSTÄTTER, F. *Gefängnisbriefe und Aufzeichnungen*: Franz Jägerstätter verweigert 1943 den Wehrdienst. Linz-Passau: Veritas, 1987; a tradução italiana deste precioso material foi publicada em JÄGERSTÄTTER, F. *Scrivo con le mani legate: lettere dal carcere e altri scritti dell'obiettore-contadino che si oppose ad Adolf Hitler*. Piacenza: Berti, 2005. A apresentação da vida do mártir austríaco, recentemente beatificado, foi traduzida para o italiano: ZAHN, G. *Il testimone solitario: vita e morte di Franz Jägerstätter*. Torino: Gribaudo, 1968; PUTZ, E. *Franz Jägerstätter, un contadino contro Hitler*. Piacenza: Berti, 2000.

⁴ Todos os textos podem ser encontrados no quarto volume da *opera omnia* (cinco volumes) do sacerdote e teólogo jesuíta, publicada como: DELP, A. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Josef Knecht, 1982-1988; sobre ele, na língua italiana, pode-se consultar BLEISTEIN, R. *Alfred Delp: storia di un testimone*. Cinisello Balsamo: Paoline, 1994.

⁵ Cf. BONHOEFFER, D. *Widerstand und Ergebung: Briefe und Aufzeichnungen aus der Haft*. Gütersloh: Verlagshaus, 1985; tradução para o português: BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

Metzger⁶, acusado de conspiração contra o Terceiro Reich e decapitado em 1944. Na produção de Metzger, merecem destaque os artigos de teologia e espiritualidade, as poesias e suas numerosas e comoventes cartas.

À luz das recentes pesquisas em arquivos, aparece evidente que o elenco dos escritos das prisões e, de modo particular, do material das correspondências carcerárias representam uma fonte documental muito mais extensa. Dentre os escritos do período do totalitarismo de Stalin ainda são pouco — ou talvez quase nada — conhecidas na América Latina as cartas do *gulag* (campo de concentração stalinista) de Pavel A. Florenskij⁷, denominado pelos próprios contemporâneos de Leonardo da Vinci ou Pascal russo, acusado injustamente de ter colaborado com as forças contrarrevolucionárias e fuzilado pelo regime em 1937. O material produzido na prisão por parte de Florenskij foi já traduzido em língua espanhola⁸ e, antes ainda, apareceu na Itália⁹, onde encontra um enorme sucesso editorial e está sendo buscado por leitores de todas as idades, credos religiosos e das diversas camadas sociais.

Essas cartas são consideradas pelos estudiosos como o ápice do pensamento e a síntese de toda obra de Florenskij. Trata-se de uma espécie de “canto do cisne”, no qual são resumidas e explicadas as mais

⁶ Em alemão, podemos encontrar ainda hoje quatro edições dos escritos carcerários de Metzger, porém estas edições nos fornecem só uma parte dos textos conservados no Arquivo da sua comunidade (com sede em Meitingen, Augsburg): *Gefangenschaftsbriebe*. Organização e introdução de M. Laros. Meitingen: Kyrios-Verlag, 1947; *Gefangenschaftsbriebe*. Organização e introdução de H. Bäcker. Meitingen: Kyrios-Verlag, 1947; *Für Frieden und Einheit*: Briefe aus der Gefangenschaft. Organização de Christkonigs-Institut. 3. ed. ampl. Meitingen-Freising: Kyrios-Verlag, 1964; *Christuszeuge in einer zerrißenen Welt*: Briefe und Dokumente aus der Gefangenschaft 1934-1944. Organização e introdução de K. Kienzler. 4. ed. ampl. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1991. Quanto às traduções (de modo parcial) em outras línguas, indicamos: *Lettre de Mgr. M.J. Metzger au Sant-Père*. In: AA.VV. Unité chrétienne et tolérance religieuse. Paris: Ed. du temps présent, 1950. p. 279-284; *A letter to His Holiness Pope Pius XII: A Message to Fellow-Prisoners, Letters from Prison, Poems from Prison*. In: STEVENSON, L. *Max Josef Metzger: priest and martyr 1887/1944. With a selection from his letters and poems written in prison*. Londres: S.P.C.K, 1952. p. 44-149; *La mia vita per la pace: lettere dalle prigioni naziste scritte con le mani legate*. Tradução e organização de L. Zak. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2008.

⁷ As cartas foram publicadas em FLORENSKIJ, P.A. *Socinenija v četyrech tomach*. Moscou: Mysl', 1998. (Obra em quatro volumes).

⁸ FLORENSKIJ, P.A. *Cartas de la prisión y de los campos*. Navarra: EUNSA, 2005.

⁹ A tradução italiana de uma parte das cartas encontra-se em FLORENSKIJ, P.A. *Non dimenticatemi: le lettere dal gulag del grande matemático, filósofo e sacerdote russo*. Milão: Oscar Mondadori, 2006, e em 2013 chegou à sétima edição.

profundas intuições do sábio cientista que, quase de modo visionário, teria previsto o desenvolvimento dramático da história russa e europeia da primeira metade do século XX, empenhando-se na busca por um remédio para a força destrutiva do espírito bélico. Esses escritos revelam a preocupação de Florenskij em manter-se fiel aos laços mais originais das relações afetivas com seus amados familiares e transmitir-lhes os sentimentos, as reflexões e as experiências interiores por ele vividas, justamente no momento da história em que se revelava a força autodestrutiva do homem moderno, que estava como que entregue a seu próprio sentir e querer, enfim, imerso na escuridão abissal da violência.

Pode-se dizer que as cartas constituem uma herança humana e cultural de grande valor e de universal destinação. Na medida, pois, em que Florenskij se revela uma testemunha da dignidade, do *ethos* e da memória dos relacionamentos, os leitores passam a reconhecer também as implicações e o significado da perda e do esfacelamento do humano provocado pelas ideologias totalitárias, que podem se apresentar com “novos rótulos” também na contemporaneidade. Nessa visão, o estudo e a leitura destas cartas podem permitir olhar para o sofrimento contemporâneo sob nova luz. Basta pensar, por exemplo, quanto isso é pertinente para as questões da clínica psicológica. Nos últimos anos, no Brasil, Gilberto Safra tem observado a necessidade de assentar a prática clínica em pensadores que apresentam lúcidas elaborações sobre os problemas do sofrimento humano e, dentre as referências do grupo de pensadores russos utilizadas por ele para pensar a clínica, encontra-se Pavel Florenskij. Segundo Safra (2004, p. 33):

É frequente se encontrar nestes escritos a preocupação com o futuro da humanidade, pelas condições anti-humanas que pareciam intensificar-se com o passar dos anos. Nos textos desses autores são discutidas essas questões não só da Rússia do início do século vinte, como também, em tom profético, os problemas de nosso tempo, em que a natureza humana se estilhaça. Frente a essa situação, recolhem e emolduram a face humana, explicitando o *ethos*. Para realizar esta tarefa criam uma obra resistente à fragmentação da medida humana, evitando a abstração racionalista. São textos que apresentam uma maneira diferente de pensar, pois ao mesmo tempo integram os vértices literário, filosófico, político e religioso. [...] Esses autores escreveram obras em que o *ethos* humano se explicita em seu registro ontológico.

Certo é que, nos escritos da prisão, Florenskij reflete sobre a pessoa humana a partir deste horizonte ontológico no qual o espaço do mistério, do enigmático, da criatividade e da subjetividade não são negados. Nesse contexto, comprehende-se o motivo principal deste artigo, pois antes que possamos propor a tradução desta obra sobre as cartas no Brasil, se deseja oferecer uma pequena introdução na qual será possível reconhecer imediatamente o coração, o elemento central e nuclear daquilo que o autor conseguiu nos transmitir nas difíceis condições do *gulag* das ilhas Solovki. Convém, todavia, ter presente que, embora a palavra “gulag” já tenha se transformado em símbolo da rede de repressão da antiga União Soviética, o lager das ilhas Solovki foi transformado pelos bolchevistas “no lugar dos maiores sofrimentos para os cristãos russos” (RICCARDI, 2000, p. 34). Era considerado a *alma mater* dos *lager* soviéticos e o modelo do sistema que inicialmente estava destinado à reeducação para o trabalho das pessoas que o Estado considerava uma ameaça ao regime. Contudo, o antigo mosteiro, um dos maiores centros de espiritualidade ortodoxos russos, foi paradoxalmente transformado no *lager-prisão* onde milhões de pessoas foram exploradas, torturadas, encarceradas e fuziladas.

No epistolário, escrito desde essa ilha do martírio, não aparecem as elaboradas intuições filosófico-teológicas e os refinados contornos da arquitetura especulativa que caracterizavam grande parte das obras de Florenskij antes de sua prisão. Convém ter presente que ele foi obrigado a viver em um ambiente infernal e, assim, o tempo para a meditação foi praticamente devorado pela cruel engrenagem carcerária. Ao mesmo tempo, em razão dessa penosa situação, Florenskij conseguiu propor reflexões com tons mais íntimos, espontâneos e originais, sendo capaz de descrever as vicissitudes de seus dias na prisão, as surpresas, as ambiguidades, os sentimentos mais profundos que o habitavam como homem de fé e sacerdote. Mas, enquanto o regime totalitário procurava meios para censurar qualquer referência à fé em Deus, Florenskij encontrava o caminho para falar da profundidade do mistério que habita o mundo, por meio de cartas que testemunham o valor da memória e deixam transparecer o horror pela dissolução da consciência histórica da dignidade humana. São cartas escritas nos raros fragmentos de tempo livre, depois de vencido o cansaço de dias massacrantes de trabalhos forçados. Essas missivas são, portanto,

uma apaixonada confissão de quem consegue ser fiel às próprias convicções nas condições mais dramáticas, de quem sabe colher a verdade profunda de tal vivência e mantém a esperança, não obstante se encontre despojado de toda a dignidade humana.

Mas, afinal, quem são os destinatários dessas correspondências de Florenskij? A maior parte das cartas são endereçadas à sua mãe Olga, à mulher Anna e aos cinco filhos. A filha menor, por exemplo, Maria-Tinatin, tinha apenas 9 anos quando o pai foi preso pelo regime. Nossa autor preocupou-se em numerá-las para, desse modo, poder ter um mínimo de controle da trajetória e destino, uma vez que elas eram submetidas à severa censura dos carcereiros os quais, de vez em quando, confiscavam aquelas consideradas inopportunas para expedir ao “mundo externo”. Em tantas ocasiões, aparece nas cartas a recordação das fadigas encontradas pelos prisioneiros para redigi-las, porque era extremamente difícil encontrar o papel e a tinta para escrever. Em geral, cada texto era redigido sobre a página dupla de um caderno dividido em quadrados, subdividida em partes distintas e, em seguida, cada parte era destinada a um membro da família: à mãe, à mulher, aos filhos e filhas. Cada membro da família podia ler separadamente sua carta pessoal na qual, todavia, não faltava uma referência e uma saudação a todos os outros membros. Deve-se recordar o hábito de Florenskij de escrever com o desejo de criar um ambiente de intercâmbio entre todos aqueles aos quais se dirigia. Desse modo, ao escrever à filha menor, Maria, pede no fim para que ela deixe uma saudação para a mãe e que cuide do irmão, e, do mesmo modo, faz apelo aos outros filhos para compartilharem as descobertas realizadas. Com efeito, o que está presente aqui, sublinhe-se de novo, é a dinâmica relacional e pedagógica de Florenskij preocupado com o crescimento humano, cultural e espiritual de seus filhos.

O epistolário era o único instrumento de comunicação que mantinha Florenskij conectado com o mundo externo. Até o fim da vida, a correspondência foi capaz de infundir no prisioneiro a esperança, novo vigor e razões para viver e pensar. É isso que se conclui das palavras escritas poucos meses antes do fuzilamento, que nem havia sido anunciado: “Tenho a sensação que a este ponto não existe nada que por si mesmo seja interessante, e só o fato de conseguir, de qualquer modo, comunicar-me com vocês, desperta o meu pensamento” (FLORENSKIJ, 2006, p. 369).

“O que eu fiz durante toda a minha vida?”

Florenskij¹⁰ foi reconhecido por todos como um homem extraordinário e de inteligência multiforme. Era especialista em muitas disciplinas humanísticas e científicas, como literatura, filosofia, teologia, teoria da arte, musicologia, biologia, mineralogia, matemática e física. Contudo, ele foi também, e antes de tudo, marido, pai de cinco filhos e sacerdote da Igreja ortodoxa russa. Era um pensador capaz de tratar com admirável competência e originalidade as temáticas científicas mais distantes entre si: desde a filosofia da linguagem e a estética, àqueles da geometria e da teoria do conjunto, dos temas relativos às religiões primitivas e da mística cristã àqueles da física dos materiais plásticos e da radioatividade. O que surpreendia a todos era como ele conseguia passar de um tema a outro, não só com a naturalidade genial de um Leonardo da Vinci, mas também com a convicção de que entre os assuntos tratados, de diferentes áreas científicas, não existe uma distância que se tornasse impecilho para poder reconhecer os nexos e a convergência entre eles. Segundo Florenskij, para obter tal percepção é necessário utilizar na pesquisa um método inter/transdisciplinar. Essas conexões são de natureza “estrutural”, representando uma espécie de “rede” com ligações inatas e originárias entre tudo aquilo que existe, entre cada objeto e cada parte do real, do mundo, da natureza orgânica e anorgânica. Quando narra sua infância e adolescência, é muito frequente a descrição desta convicção sobre a cadeia que conecta intimamente o ser humano a natureza, ele diz: “o mundo vivia e eu compreendia este seu viver” (FLORENSKIJ, 2003, p. 126). Esses dados são experimentados por ele em primeira pessoa, como a vivência da recíproca competição e comunicação entre os elementos e os fenômenos naturais do

¹⁰ Para uma apresentação da pessoa e da vida de Florenskij ver: PYMAN, A. *Pavel Florenskij: a quiet genius. The tragic and extraordinary life of Russia's unknown Da Vinci*. New York; London: Continuum, 2010. Também ao pensamento deste autor são dedicadas as monografias de VALENTINI, N. *Pavel A. Florenskij: sapienza dell'amore. Teologia della bellezza e linguaggio della verità*. Bolonha: EDB, 1998; ŽAK, L. *Verità come ethos: la teodicea trinitaria di P.A. Florenskij*. Roma: Città Nuova, 1998; LINGUA, G. *Oltre l'illusione dell'Occidente: P.A. Florenskij e i fondamenti della filosofia russa*. Torino: Silvio Zamorani, 1999; LÓPEZ SÁEZ, F. J. *La bellezza, memoria de la resurrección. Teodicea y antropodicea en Pavel Florenskij*. Burgos: Monte Carmelo, 2008; TAGLIAGAMBE, S. *Come leggere Florenskij*. Milão: Tascabili Bompiani, 2006; BETTI, R. *La matematica come abitudine del pensiero: le idee scientifiche di Pavel Florenskij*. Milão: Università Luigi Bocconi; Centro Pristem Eleusi, 2009.

mundo. É como se na estrutura interna de tudo aquilo que existe pudesse haver uma ponte — sutil e que pode ser percorrida — conectando o coração de uma determinada coisa, de um determinado organismo e de uma concreta vida, com o coração de todas as outras coisas, de todos os outros organismos, de outras vidas.

Para provocar a filosofia e a ciência positivista da sua época, Florenskij, evocando o romanticismo de Novalis, chama tal percepção do real de conhecimento mágico. Para ele, é um tipo de percepção que não é contrária à ciência e recebe confirmação graças ao encontro com N. V. Bugaev (1837-1903), seu professor de matemática na Universidade de Moscou, e com a teoria do conjunto de G. Cantor (1845-1918)¹¹. Tanto Bugaev quanto Cantor representam para Florenskij profetas e artífices da necessária mudança da ciência moderna que passa de uma interpretação redutiva do real — aquela que quer medir tudo segundo a lei de causa-efeito — para uma visão unificante e orgânica, baseada sobre o princípio da descontinuidade. E ambos lhe fornecem válidos estímulos teóricos para poder demonstrar matematicamente que tudo aquilo que existe — desde as dimensões macrocósmicas às microcósmicas — é composto de numerosos planos (níveis) de funções e de processos entre os quais reina uma única ordem. Esta, como uma única rede, une todos os planos de todas as coisas do real; e é por isso comparável a uma espécie de “alma”, um universal *turgor vitalis*.

Mais tarde, graças ao estudo da antiga filosofia grega (Heráclito, Platão, Aristóteles e outros) e a comparação crítica com Spinoza, Kant e o idealismo alemão (Hegel, Schelling), mas também graças à pesquisa da teologia dos Padres da Igreja, Florenskij desenvolve essa visão do real em diálogo com a filosofia e a teologia. Não surpreende se ele reconhece ser guiado, na sua pesquisa interdisciplinar, por um único desejo: abrir os “novos caminhos para uma futura e global visão do mundo”.

Trata-se de uma visão que, quanto às intuições básicas, era conhecida já pelas civilizações antigas, pelos povos primitivos e até pelos simples camponeses, os quais vivem em estreito contato com a natureza. Infelizmente, tal visão foi abandonada — como uma inútil superstição —

¹¹ A respeito da influência de Bugaev e Cantor sobre Florenskij, pode-se consultar: ŽAK, 1998, p. 134-161.

pelos homens da Idade Moderna. Esses não são mais capazes de “ocupar-se da Ciência, mas somente de ciências, ou melhor, de disciplinas científicas” (FLORENSKIJ, 1999a, p. 148). O problema é que, tendo perdido a ligação vital com a natureza, e não admitindo que nela, em cada seu particular, está pulsando o coração de todo o universo, os cientistas dos tempos modernos ocupam-se somente das questões acidentais. Por conseguinte, reduzem o saber científico ao âmbito restrito das respectivas especializações, contaminado pelo perigoso “atomismo mental” que impede notar e compreender as ligações vitais entre os fenômenos e a singularidade das partes da natureza por eles analizadas.

Mas, o pensador russo, permanece fiel ao desejo de elaborar e promover uma visão global do mundo mesmo quando, depois da revolução socialista de 1917, começa a ser penalizado por parte do novo regime, pelo fato de ser sacerdote e, sobretudo, por ser uma testemunha extraordinária da realização do diálogo entre a fé e a ciência. De fato, depois do fechamento forçado da Academia teológica de Moscou, onde havia ensinado História da Filosofia, e depois de uma breve experiência como docente no Atelier de arte e técnica do Estado, ele se dedica aos experimentos e à pesquisa científica. A partir de 1921, dirige as pesquisas financiadas pela administração central para a eletrificação da Rússia, e em 1930 torna-se vice-diretor do Instituto Eletrotécnico K. A. Krug e, no ano seguinte, membro da direção central para o estudo do material eletro-isolante, e — de modo extraordinário — em todos esses cargos mantém uma aproximação “mística” ao real, ao mundo e à vida. É uma perspectiva que, pode-se intuir, está nele intimamente ligada com a fé em Deus e com a convicção — a mesma que fez exclamar São Paulo: “nele (Deus) nós vivemos, nos movemos e somos” (At 17,28) — de que o mistério da presença de Deus no coração do real, ou seja, em tudo aquilo que existe, é um dado de fato que deveria ser levado a sério também pela ciência. Essa convicção ele manteve mesmo quando, em 1933, foi preso, torturado e levado para os campos de concentração. Alguns meses antes de ser fuzilado, escreveu uma carta ao filho Kirill, na qual diz:

O que eu fiz durante toda a minha vida? Contemplei o mundo como um conjunto, como um quadro e uma realidade única, mas em cada instante ou,

mais precisamente, em cada fase da minha vida, por um determinado ângulo de observação. Examinei as relações universais em um recorte vertical do mundo, seguindo uma determinada direção, com um determinado plano e procurei compreender *a estrutura do mundo* a partir daquela sua característica da qual me ocupava naquela fase. Os níveis deste corte vertical variam. Entretanto, um nível não anula outro, mas o enriquece e favorece a mudança: ou seja, dá-se uma contínua dialética do pensamento (há mudança dos níveis em exame mas na direção de uma visão de mundo como conjunto) (FLORENSKIJ, 2006, p. 379-380, carta de 21 de fevereiro de 1937).

Ora, essas cartas do *gulag* são a melhor demonstração do esforço e do desejo de conservar até o fim um olhar unitário, complexivo sobre o mundo e sobre a vida, capaz de colher e harmonizar até mesmo as grandes contradições. Tornam-se síntese entre o viver e o morrer. É a partir deste olhar que Florenskij fala diretamente aos próprios caros, descreve e explica aos seus os princípios de uma “percepção mística do mundo” (FLORENSKIJ, 2003, p. 127). Entretanto, os fundamentos desta intuição permeiam as reflexões feitas nas missivas sobre a cultura, a ciência e a natureza. É evidente que a proposta de um horizonte deste gênero não poderia ser pensado sem a correspondente maturidade humana e uma límpida espiritualidade, amadurecida com a convicção de que não existe nada de válido na vida se ele não cresce sobre o misterioso terreno do sofrimento e da cruz.

“Observem com mais frequência as estrelas”

Em 1917, poucos meses antes da eclosão da revolução bolchevique, prevendo quase profeticamente seu triste destino, Florenskij inicia a composição das etapas de um longo testamento espiritual, em cuja parte conclusiva faz algumas recomendações aos familiares:

Faz tempo que queria escrever: observem com mais frequência as estrelas. Quando tiverem um peso na alma, olhem as estrelas ou o azul do céu. Quando vocês se sentirem tristes, quando lhes ofenderem, quando algo não acontecer como vocês esperavam, quando a tempestade se

desencadear nas suas almas, saiam para fora, ao ar livre e entretenham-se sozinhos com o céu. Então as almas de vocês encontrarão a paz (FLORENSKIJ, 2006, p. 418).

Desde a adolescência, Florenskij foi atraído pelo estudo das estrelas. É provável, então, que nesse trecho quisesse convidar a mulher e os filhos a superar os futuros sofrimentos e dificuldades com a coragem e a força infusa no coração pela silenciosa contemplação do majestoso céu estrelado, que a cada noite, como um precioso tapete persa, desenrolava-se sobre a pequena vila de Sergiev Posad (na localidade do famoso mosteiro de São Sérgio de Radonez), lugar da feliz e harmoniosa vida familiar deles. Todavia, nas palavras do testamento não se pode deixar de ver, sobretudo, o convite a fazer uma imersão no próprio coração, contemplando as radiantes estrelas interiores, aliás, a Estrela da vida de cada homem e de cada mulher. Ele formulou esse convite muitas vezes em seus escritos teológicos e espirituais, e aparece elaborado de modo particularmente claro e intenso em uma carta enviada ao escritor e amigo V. V. Rozanov, conhecido pelo olhar irônico e caráter melancólico. Nos meios intelectuais, foi considerado um pessimista em relação aos temas do povo, da sociedade e cultura russa, da Igreja ortodoxa e da religião em geral. É justamente para ele, intelectual cheio de dúvidas, incertezas e perguntas sobre o sentido da vida, que o filósofo-teólogo russo escreve:

Entra em ti mesmo e tu verás as grandes abóbodas. Abandona o medo e desce ainda mais embaixo na profundidade da gruta. Os teus pés estão apoiados na areia quente, macia como o veludo amarelo, que dá alívio. Aqui o teu passo é leve. Aqui é seco e quase quente. Fragmentos de tempo como gotas, ritmicamente se desprendem das abóbodas e se precipitam no profundo abismo. As galerias ressoam, cobertas por um som que nelas balançam: como se batessem as pancadas de inumeráveis pêndulos. Como na loja de um relojoeiro, ritmos prementes intercalam-se e sobrepõem-se um ao outro, se entrelaçam e se fundem. No espaço dilatado vibra o nosso sentido do destino. Os corações de todas as criaturas pulsam nesta profundidade. Aqui, na passagem das trevas à luz, tem origem todas as coisas do mundo. Nessas cavernas há uma teia de rítmicas vibrações, velozes e lentas, surdas e sonoras, de estrondos e de ecos que se atraem, este é o vivo seio que se chama Universo. Aqui, no seio da terra, recolhem-se também

os fluxos estelares que se cristalizam em pedras preciosas. Exatamente aqui, sob as abóbodas destas grutas do coração, surgirá resplandecente a Estrela da Manhã (FLORENSKIJ, 1999b, p. 256-257).

Um leitor atento não pode deixar de notar que essas cartas do *gulag* nascem e são permeadas pela experiência da contemplação do esplendor da Estrela interior. Certo, nelas se retrata uma situação de desolação, um ambiente de sofrimento físico, psíquico e moral. Mas, apesar disso, adverte-se sempre uma sólida radicação espiritual que permite a seu autor esperar contra toda a esperança, sem negar a trágica e infernal situação que o circundava. De fato, por meio da leitura dessas memórias, sente-se a fadiga e o cansaço para enfrentar a vida cotidiana na ilha Solovki, com o macabro ritual da miséria daqueles que viviam sob o poder do arbítrio e da violência dos cruéis carcereiros. Todavia, nas cartas não afloram os sentimentos de ódio, revolta e nem mesmo um julgamento dos algozes. Sobre todos esses acontecimentos se estende um olhar de dor, misericórdia e prece. Quanto mais intensa se fazia presente a percepção do fim, tanto mais a voz de Florenskij tornava-se limpida, intercalada pelo cada vez mais frequente refrão dirigido com insistência aos filhos e à mulher: “Peço-vos, não esqueçam de mim!”.

Portanto, vivendo na situação dos horrores dos campos de concentração, ele resiste até o fim para colocar de lado cada partícula de ódio, porque — conforme sua opinião — se não se comportasse desse modo, tornaria ainda mais inóspito o mundo. Não só: Florenskij está persuadido de dever manter aquela disposição de ânimo que faz o ser humano crer e viver uma familiaridade e fraternidade com cada pessoa, seja qual for o contexto que nos for dado viver, e considerá-la como “realmente uma daquelas que você ama” (FLORENSKIJ, 2006, p. 285, carta de 28 de abril de 1936), reforçado pela firme convicção de que no mundo nada se perde, nem de bem e nem de mal. Ele, de fato, olha com sofrido desencanto e realismo os acontecimentos pessoais de sua vida, interpretando-os como fruto de uma grave situação histórica que afetava a Rússia e a Europa. No entanto, pessoalmente manteve-se consciente de que — não obstante a destruição da obra da sua vida, orquestrada pelo regime de Stalin — “nada se perde completamente, nada desaparece, mas se conserva (misteriosamente) em algum tempo e em algum lugar” (FLORENSKIJ, 2006,

p. 382, carta de 23 de fevereiro de 1937), dado que aquilo que tem valor permanece, mesmo se não conseguimos mais percebê-lo.

Curioso e surpreendente é que ele consegue manter o olhar sapiencial de confiança e de esperança também sobre os próprios filhos, mesmo quando começa perceber o distanciamento por parte deles ao receber só esporadicamente as suas gratíssimas cartas. Ainda que estivesse triste e ferido por essa circunstância, ele a acolhe com a grandeza de um pai compreensivo e paciente, escrevendo para sua mulher:

O que podemos fazer? É uma coisa natural e eu não posso pretender algo diferente. A caridade não busca o seu próprio interesse. É triste para eles, mas não para mim, porque um dia, no futuro, os filhos poderiam arrepender-se daquilo que será já para eles perdido. Mas na vida perdemos tantas coisas daquelas que, logo em seguida, nos toca arrepender-nos, que é difícil objetar também contra esta perda. Em todo caso, seja que os filhos me recordem, seja que me esqueçam, o meu comportamento com relação a eles não muda por isso (FLORENSKIJ, 2006, p. 302, carta de 31 de maio de 1936).

O mesmo sentimento de profundo amor e imensa lealdade paternal emerge nos versos do longo poema que Florenskij decidiu escrever e enviar para Mik, o menor de seus filhos homens, nascido em 1921 e, por isso, envolvido desde os primeiros anos de vida nas tristes vicissitudes da luta do pai pela sobrevivência da família — dado que o regime bolchevista tinha iniciado penalizar, de modo pesado e violento, e a oprimir com todos os meios a vida e o trabalho dos intelectuais que professavam a fé em Deus e eram leais com a Igreja. Cada verso deste poema traz a marca da generosidade e solicitude amorosa de um pai:

Nas trevas dos vales, no bosque sombrio
Cansado do obscuro caminho errante,
Recordo o passado como um sonho...
São passados os anos tristes.
Mas nunca, nunca
Teu pai te esqueceu,
Meu pequeno e frágil passarinho.
E estava pronto a arrancar o coração
para que em paz e calma

Tu fosses envolvido.
O que pode tornar fértil a terra virgem dos campos da alma,
o que pode suprir o amor e a ternura?
Qual remédio
poderia satisfazer o jardim apaixonado do coração
Ou substituir a saudação do sol,
Se tu não estás comigo? (FLORENSKIJ, 2006, p. 277)

Por essa capacidade de ternura e de empatia paterna, mas também pela longa e consolidada experiência no campo da formação e da educação, é que as cartas de Florenskij — admirado como docente e procurado como guia espiritual por parte dos estudantes — foram apreciadas pelos leitores e pelos estudiosos por sua significativa dimensão pedagógica. Elas contêm não somente importantes reflexões sobre o tema do estudo e da educação, recados à mulher e aos próprios filhos, mas são o exemplo de um método educativo rico de inovativas intuições e que até hoje não perderam em nada sua atualidade.

“Saibam usar os dons da cultura!”

O título do parágrafo é uma referência às palavras dirigidas por Florenskij a Mik e a todos os seus outros filhos (FLORENSKIJ, 2006, p. 163, carta de 22-23 de abril de 1935), palavras que nos permitem entender por que, dentre os temas mais recorrentes das cartas, encontram-se aqueles relacionados com as artes da pintura, da literatura e da música. A centralidade e a constante recorrência desses temas nas reflexões do autor russo nos permitem afirmar que as cartas do *gulag* apresentam-se como uma espécie de guia — sintético e precioso — à pintura, à literatura, à música e, em particular, à arte russa. De fato, nelas ouvimos falar de Mozart, Beethoven, Bach, Haydn, Schubert e são nomeados Rustaveli, Goethe, Schiller, Racine, Hugo, Hoffmann, Balzac, mas sobretudo são apresentados e brevemente analisados alguns compositores e literatos russos, dentre os quais Čajkovskij, Skrjabin, Dostoevskij, Ostrovskij, Leskov, Turgenev, Puškin, Žukovskij, Lermontov, Boratynskij, Belyj, Brjusov, Tjutčev, Bal'mont, Fet, Ivanov. A originalidade das reflexões e

dos juízos de Florenskij está no fato de que ele mesmo tocava piano e tinha ótima predisposição à pintura. Além disso, conhecia pessoalmente alguns importantes literatos e pintores de Moscou e, inclusive, era uma espécie de guia filosófico-espiritual de um grupo de pintores. Dessa forma, seus juízos — muito originais e dignos de atenção — sobre a arte foram forjados no fogo do contato direto com o mundo da arte.

É digna de nota a insistência com a qual procura convencer a mulher e os filhos sobre a importância da arte. Quando, por exemplo, sua filha Olga lhe pede um conselho com relação àquilo que é “necessário” para uma formação humana e intelectual completa, ele não tem dúvidas e responde-lhe dizendo que, junto com as línguas, a matemática e a física, é importante o estudo da literatura, do desenho, da pintura e da música. “Estas coisas” — explica — “são indispensáveis em qualquer situação da vida e em qualquer atividade que a pessoa desenvolva” (FLORENSKIJ, 2006, p. 67, carta de 12 de novembro de 1933). Palavras semelhantes se podem ler em uma carta endereçada a Nataša, mulher de seu filho Vasilij, na resposta dada à pergunta sobre como educar seu filho de poucos meses. Ele explica que a criancinha deveria ter seu primeiro contato com o mundo por meio daquilo que no mundo é luminoso, cristalino: além da natureza, o pequeno deveria nutrir-se da escuta da música clássica (Bach, Mozart, Schubert) e da proximidade com as obras das artes figurativas, para poder receber deste modo as primeiras impressões das melhores manifestações da criatividade humana (FLORENSKIJ, 2006, p. 311-314, carta de 7-8 julho de 1936). Em outra carta vai insistir com Nataša: “É necessário tocar, ainda que pouco, e habituar os pequenos com os sons. Toque um pouco de Bach e Mozart, para que eles possam imbuir-se de tais ritmos (FLORENSKIJ, 2006, p. 357, carta de 23-24 de dezembro de 1936). Com efeito, nos parecem ainda mais explícitas e diretas as recomendações dadas à esposa Anna, preocupada com a dificuldade que os filhos tinham de estudar a teoria musical. Ele insiste na ideia:

Em nenhum caso, porém, eles devem abandonar a música. É preciso superar os primeiros passos que são sempre tediosos e enfadonhos. Procure sobretudo criar uma atmosfera musical: insista com aqueles que nos vêm visitar para tocar para eles com maior frequência e faça de tal modo que se

discuta as obras e as respectivas interpretações. Não importa se, substancialmente, os resultados sejam medíocres: mas é necessário que se crie o interesse e o hábito à música e aos conceitos ligados a ela (FLORENSKIJ, 2006, p. 188, carta de 12 de julho de 1935).

Mas porque toda esta ênfase sobre a arte? Onde estão as razões que impulsionam Florenskij a insistir sobre a necessidade de fazer uma experiência artística, de saber contemplar e escutar as obras de arte e, se possível, de procurar criar alguma obra artística própria e original? A resposta encontra-se em uma carta enviada a Mik, na qual o pai explica ao filho que o conhecimento musical ajuda a entrar em contato direto com tudo aquilo que é universal, ou seja, com aquelas “vibrações substanciais” e com aquelas “leis gerais” que estão no coração de tudo aquilo que existe. Para dizer com suas palavras:

[...] aprender a música é muito necessário para a física e a matemática; conhecendo-a você se aproximará destas ciências de modo totalmente diferente do que sem ela, e poderá fazer muitas coisas interessantes e úteis, não somente no campo da acústica, mas também em todos os outros setores, porque em toda a parte existem as ondas que dependem das mesmas leis gerais; até mesmo a matéria se compõe, segunda a visão dos modernos, de ondas. Mas para compreender bem os fenômenos ondulatórios é necessário não só conhecer as leis de modo abstrato, mas também ter familiaridade com os próprios fenômenos. E dos fenômenos ondulatórios, aqueles sonoros são os mais acessíveis à direta assimilação, à direta observação. É necessário sentí-los e saber produzí-los e, então, a compreensão se torna fácil e estará ligada à realidade (FLORENSKIJ, 2006, p. 163, carta de 22-23 de dezembro de 1935).

A ideia do nexo necessário e constitutivo entre uma obra musical ou literária e o real (a vida concreta, a natureza) é exatamente aquela que Florenskij aplica como critério de interpretação para avaliar a qualidade e a utilidade das criações artísticas dos autores por ele tomados em consideração. Se, de fato, distancia-se e critica as obras de Dostoevskij — ainda que reconhecendo a maestria com a qual compõe as narrativas —, o motivo é a superficialidade das interpretações dos fenômenos (personagens, situações, conflitos etc.) nelas descritos. É justo que Dostoevskij veja e

descreva o caos que reina no mundo, na sociedade e entre os homens. O problema é que ele é e permanece sobre a superfície do fenômeno, pois suas interpretações das ações destrutivas do caos são puramente éticas. Em suma, Dostoevskij vê no caos a força destruidora e perversa do mal e o julga como uma deformação da vida. Não se dá conta, ao contrário, de que o caos, como fenômeno psicológico e social, poderia ter raízes muito mais profundas e não necessariamente negativas. Não intui que o caos poderia ser uma das possíveis — não certo agradável, enquanto não ordenada em modo justo — manifestações de algo que está não tanto no coração dos homens quanto no coração mesmo da natureza, no real. Em outras palavras: aquilo que para nós se manifesta como caos faz parte, na realidade, da “estrutura geral do mundo”. Neste sentido o caos representa algo que está fora da avaliação humana, não sendo “nem um bem, nem um mal, mas algo de bom e útil, pois tal é a lei da vida”. De fato, o caos — como já o haviam intuído os antigos gregos, mas também o poeta russo Tjutčev — “é a lei suprema do mundo e dá movimento a própria vida”. Ou seja, sem a destruição a vida não existiria, como não existiria sem a geração”. Desse ponto de vista, deve-se dizer que a humanidade, “com todas as suas instituições e com todos os seus conceitos, não é senão que uma — ainda que importantíssima — criatura do caos” (FLORENSKIJ, 2006, p. 149, carta de 8 de fevereiro de 1935).

Segundo o Florenskij, o problema de Dostoevskij é aquele de ter se fixado sobre o homem sem sair dos limites da humanidade. Era necessário chegar ao verdadeiro fundamento dos fenômenos presente na natureza. Mas é exatamente esse o ponto débil das obras dos famosos literatos russos: eles — na opinião do autor russo — não consideram a natureza, não falam nunca dela. As condições de vida descritas por Dostoevskij são, portanto, artificiais, e a consequência lógica dessa tese é que, em sua obra literária, a relação com o mundo torna-se algo ilusório e todos os sentimentos humanos estão colocados no limiar do desequilíbrio (FLORENSKIJ, 2006, p. 322, carta de 13 de agosto de 1936).

Juízos semelhantes e talvez ainda mais críticos podem ser encontrados naquelas cartas do gulag em que se fala do compositor Čajkovskij. Não há dúvida: trata-se de uma grande personalidade e de um homem talentoso. Todavia, Florenskij é da opinião de que o mundo seria mais alegre

e luminoso sem as obras de Čajkovskij. O problema é que nelas não existe uma ontologia e, por isso, é um tipo de criação na qual falta a espinha dorsal estruturante. Segundo ele, o célebre compositor “foge conscientemente da ontologia, escondendo-a com a sua melancolia” (FLORENSKIJ, 2006, p. 388, carta de 23 de março de 1937). Suas obras são como sombras ilusórias que sem dúvida são belas, mas não se podem definir estupendas. Tudo aquilo que causa maravilhamento e estupor traz consigo a beleza, levando o ser humano ao reconhecimento da verdade. Mas este não é o caso de Čajkovskij.

Totalmente contrárias são as avaliações a respeito das obras de Goethe, Tjutčev e Puškin. Quanto a este último, o prisioneiro anota que o célebre poeta tinha um extraordinário sentido da vida concreta e que ele, “ainda em pleno vôo da fantasia criativa, não se colocava nunca em ruptura com as impressões concretas da realidade”. Puškin tomava tudo da vida e isto dava solidez às suas criações, fartas de realidade e plenas de vitalidade. Diferentemente de um Zola, que escreve com o desejo de fixar a realidade como se estivesse com uma máquina fotográfica nas mãos, o poeta russo deixa-se conduzir e vai para onde o conduz o espírito livre, permanecendo sempre fiel àquilo que é real. Por isso as suas imagens, pintadas com as palavras, são “feitas de carne e cheias de vida”. E é este aspecto que une Puškin a Goethe. Ambos “são os mais livres com relação a proximidade externa e, ao mesmo tempo, os poetas mais realistas” (FLORENSKIJ, 2006, p. 306, carta n. 64, sem data).

“Estejam atentos à estrutura interna dos fenômenos”

As palavras do título resumem as recomendações com as quais Florenskij, com frequência, se dirigia aos filhos. Ele desejava introduzi-los nos segredos tanto da compreensão das obras de arte quanto do conhecimento dos fenômenos naturais e das pesquisas científicas. A ênfase é colocada sobre o fato de que tudo o que existe contém em si uma “estrutura interna”. E esta, mesmo na diversidade dos fenômenos — sejam eles naturais, conectados com a vida e a existência enquanto tal, sejam eles de tipo cultural —, tem características universais. É esta estrutura

interna que deve ser buscada quando se observa a natureza, como também quando se lêem as obras literárias ou se escutam as obras musicais. É exatamente sobre essa estrutura que se detêm na carta escrita a Olga. Ele deseja ensiná-la a reconhecer o que é típico da estrutura das melhores obras literárias que, por sua vez, porém, trazem as marcas características da “estrutura interna” de cada fenômeno do mundo real. Ou seja: elas possuem uma constituição marcada pelas polaridades e, portanto, indicam ao leitor a importância de reconhecer a presença das contradições em cada fenômeno observado. Ele explica:

Quando você ler uma obra, procure entender como ela foi construída do ponto de vista da estrutura e, mais especificamente, qual a finalidade desse ou daquele particular ali presente. Deste ponto de vista, são particularmente interessantes as fraturas da exposição, as repetições, os deslocamentos no tempo e no espaço e, principalmente, as contradições. Em geral busca-se explicar as contradições como a luta entre algumas versões e como tramas embrionárias que irrompem na narração principal. Do ponto de vista psicológico, isto acontece de modo frequente; o essencial, porém, quanto a estrutura não é compreender de onde provém um certo tema da trama, mas por qual razão, por qual motivo ele foi mantido pelo autor, não obstante as contradições com o tema principal. Ao contrário, quando se examina bem, vê-se que tal contradição serve para intensificar o efeito estético da obra. De tal forma que a contradição aguça a atenção do leitor. Pode-se dizer que quanto mais grandiosa é uma obra, tanto maior são as contradições que podemos encontrar nela (FLORENSKIJ, 2006, p. 153-154, carta de 22 de fevereiro de 1935).

Como se deduz de outras cartas do *gulag*, a polaridade é só uma das características da “estrutura interna” dos fenômenos do real e de tudo aquilo que existe. Ela não é senão uma prova do fato de que a interioridade dos fenômenos é de uma grande complexidade. Ora, esta começa a manifestar-se na medida em que alguém consegue munir-se de paciência, aproximando-se dos fenômenos respeitosamente para poder escutar a “música secreta” que ressoa do interior deles. De fato, quanto mais se penetra no microcosmo de qualquer um dos particulares fenômenos, percebe-se ainda com maior clareza neles a mesma complexidade observada na dimensão macrocósmica. Florenskij reflete sobre todas essas coisas em uma carta endereçada ao filho Kirill, no período em que este já estava

encaminhado para as pesquisas científicas no campo da astrofísica. Ele avverte o filho para prestar atenção e dar-se conta de que quando, na pesquisa, temos a impressão de aproximarmo-nos de algo simples, de fácil explicação e descrição, então podemos saber que tal impressão não corresponde quase nunca à realidade. Entretanto, ela acontece ou “pela insuficiência dos meios técnicos ou por pura superficialidade” (FLORENSKIJ, 2006, p. 358, carta de 23-24 de dezembro de 1936). Contudo, a impressão é uma coisa e a verdade é outra, e esta última começa a emergir quando a pesquisa científica renuncia a confiar nos esquemas abstratos, construídos *a priori* e passa a favorecer um pensamento que nasce e se desenvolve a partir de uma experiência concreta. Por sua vez, as experiências cotidianas demonstram que “a complexidade não diminui com a redução das dimensões e de certas complicações”, porque no lugar delas aparecem outros componentes inusitados. Para explicar melhor esse tipo de visão sobre os fenômenos do real, o autor russo faz uso de uma metáfora:

É como em um bosque: quanto mais você se embrenha, mais o fim lhe parece distante e aparecem sempre mais novos troncos de árvores que antes eram invisíveis aos olhos. As séries (paralelas) não se encontram nunca: tal é a generalização do mundo a nós acessível; aquilo que é complexo não é o *posteriori* lógico daquilo que é simples, mas é inseparável deste, dado que se unem no conceito de inteiro. O inteiro, aliás, é sempre tanto simples quanto complexo e tanto complexo quanto simples. O inteiro vem antes que as suas partes (ontologicamente vem em primeiro lugar), mas não existe sem complexidade, isto é, sem as partes. E as partes não existem sem o todo, isto é, elas não existem por si mesmas. Os átomos, os elétrons e as outras partículas são muito úteis; todavia, estas não são o resultado da experiência direta, mas uma invenção, uma ideia regulativa e esta, por sua vez avança cada vez mais na medida em que se desenvolve a experiência (FLORENSKIJ, 2006, p. 358, carta de 23-24 dezembro de 1936).

De tudo o que foi dito, conclui-se que quando Florenskij, em uma carta a Kirill, escrevia sobre si: “o que fiz durante toda a minha vida? Contemplei o mundo como um conjunto, como um quadro e como uma realidade única” para poder “compreender a estrutura do mundo”, na realidade, ele queria dizer que esteve sempre na busca por aquilo que funda e sustenta a estrutura interna de cada fenômeno. A filosofia platônica e

aristotélica utilizou o termo *eidos* para falar do fundamento dos fenômenos do real, enquanto Goethe o chama de *Urphänomen*. Florenskij, por sua vez, denomina-o “forma interna” ou ainda — utilizando um termo mais metafísico — de “som interior da natureza” (FLORENSKIJ, 2006, p. 317, carta de 6-7 agosto de 1937).

Se os fenômenos a serem estudados são, por exemplo, as obras de arte, então, a chamada “forma interna” é identificada com a ideia musical do compositor ou a ideia artística do pintor, do literato. Se, por outro lado, referem-se ao mundo da natureza e, portanto, aos fenômenos relacionados com a vida em si, Florenskij coloca a presença da “forma interna” sobre o plano ontológico. E ensina a necessidade de respeitar o mistério e a “profundidade do ser” que funda cada fenômeno e sobre a qual está estruturada a vida do mundo. O fundamento, portanto, manifesta-se ou insinua-se por meio de outras formas — aquelas de segunda ordem e de ordens sucessivas — ou seja, por meio de “formas posteriores” como símbolos das formas primeiras. É nesse sentido que o termo “mistério” se torna uma palavra-chave em sua teoria do conhecimento. Ela descreve um sentimento que — como anota o cientista e teólogo — é “inexplicável mas não decepciona” (FLORENSKIJ, 2006, p. 261, carta de 24 de março de 1936). Com efeito, Florenskij vai ainda mais longe ao afirmar ser esse sentimento que influiu de modo determinante no desenvolvimento de todas as suas ideias científicas. Para melhor concretizar essa percepção do mistério presente em tudo o que nos circunda, ele escreve:

Em qualquer âmbito da realidade é necessário realizar um recorte de determinados pontos; estes aparecem como o eixo sustentador da cristalização do pensamento. Não se pode exprimir em palavras em que exatamente estes pontos se diferenciem dos outros. Ora, o problema será quando faltar a intuição. A pessoa pode ser inteligente, culta e dotada de talentos, mas o problema se apresenta quando ela não consegue ver que os pontos particulares podem permitir o acesso aos reinos subterrâneos do ser. Mestres neste conhecimento foram, por exemplo, Goethe, Faraday e Pasteur. A maioria das pessoas é, obviamente, muito inteligente para abandonar-se a este tipo de sentimento imediato e para ver estes pontos particulares do mundo e, por conseguinte, permanecem estéreis. Mas isto não significa que as pessoas sejam incapazes de produzir algo de válido; não, as pessoas produzem e produzirão sempre, mas naquilo que produzem não

se percebe a vibração pessoal que indica o advento de um novo princípio criativo (FLORENSKIJ, 2006, p. 262, carta de 24 de março de 1936).

A preocupação expressa é de que também os filhos possam fazer esse tipo de experiência de conhecimento, acolhendo as palavras do pai como uma herança a ser conservada e transmitida aos outros. Por isso, convida-os com insistência a refletir sobre seu próprio modo de conhecer, para poder aprender aproximar-se de cada fenômeno do mundo da natureza e da vida com a consciência de que tudo aquilo que existe é lugar do escondimento e, ao mesmo tempo, da manifestação de algo maior, mais complexo, e no entanto, intimamente conexo com o núcleo mais profundo de nosso próprio ser. Florenskij, no fundo, pede aos filhos para imitar um comportamento de atenção ao real, que foi a característica dominante de sua vida: “Eu devo ver a profundidade das coisas, também daquelas mais ordinárias” (FLORENSKIJ, 2006, p. 175, carta de 5-6 de junho de 1935). Ao mesmo tempo, adverte-os para ficarem atentos aos erros da ciência moderna, causados, justamente, pelo abandono desse olhar integral sobre o real. De fato, em sua opinião, não obstante os progressos científicos e tecnológicos, os cientistas “não são investigadores da natureza, mas jogadores de dados”. E desse modo, às invenções e descobertas falta algo essencial que é “o vivo sentimento da realidade do próprio objeto” (FLORENSKIJ, 2006, p. 337, carta de 11-12 de junho de 1936), o qual, justamente por ser o núcleo, deveria orientar a ciência para saber utilizar e ler o mundo, a vida e o coração humano.

A forte e constante acentuação da necessidade, aliás, da inevitabilidade desse tipo de conhecimento é, porém, acompanhada contemporaneamente pelo esforço de explicar aos filhos o sentido profundo dessa intuição. Não se tratava de algo derivado de uma espécie de superestrutura mental nem fruto de um esoterismo pseudocientífico, mas um conhecimento que está em plena sintonia com aquilo que o ser humano consegue sentir se, por outro lado, está aberto a desenvolver sua inata empatia com as “vozes secretas” dos fenômenos naturais e culturais que o circundam. Em sua opinião, cada homem, pelo fato de ser homem, é capaz dessa escuta, sendo capaz de uma tal identificação. Essas, de fato, estão em plena

correspondência com a medida da interioridade humana e de suas inatas capacidades de conhecimento.

Ele desejou tratar esse tema em uma das últimas cartas escritas ao filho Kirill, antes de ser fuzilado pelo regime. Nela, ele, que sempre se definia como um realista e, portanto, defensor de um tipo de conhecimento desenvolvido em contato direto e vital com o fenômeno que devia ser examinado, está totalmente propenso a colocar em primeiro lugar a inata capacidade de conhecimento da interioridade humana — lugar de originária empatia, percepção e racionalidade — que chega a admitir a possibilidade de aproximar-se cognoscitivamente dos fenômenos, colocando-se em comunicação com eles diretamente, ou seja, não através do espaço, mas para além do espaço. Ou seja, uma comunicação que não é fruto de um ato volitivo nem de uma programação. Ela nasce na interioridade humana ainda antes que o homem queira conscientemente colocar em ato a percepção e decida conceituar aquilo que percebeu. Florenskij explica:

Esta convicção irrenunciável, que está em plena contradição com a realidade física, ou deve ser rejeitada categoricamente com todas as consequências que dela derivam, ou, ao contrário, ocorre reconhecer que é possível uma comunicação com meios não físicos ou sobre um terreno não físico. Deve, então, ser reconstruída aquela teoria do conhecimento a qual se atém a maioria das pessoas. Ela deve ser reconstruída desde a base e, também neste caso, com todas as consequências derivadas de tal posição. Nós conhecemos uma coisa não por vê-la, ouvi-la, tocá-la, sentí-la, mas ao contrário, se vemos, ouvimos, tocamos e sentimos, é porque já antes tínhamos conhecimento da coisa, reconhecendo-a (mesmo se inconscientemente ou para além da consciência) na sua autenticidade e na sua realidade direta. A percepção, então, deve ser considerada só como o material para a transferência da coisa da esfera inconsciente para aquela consciente, e não como material do conteúdo mesmo do conhecimento. Tudo isto para mim é muito claro, mas não sei se consegui explicar para você a essência da questão (FLORENSKIJ, 2006, p. 379, carta de 21 de fevereiro de 1937).

Conclusão

Para além do impacto que as palavras de Florenskij podem suscitar, uma leitura atenta não pode deixar de criar em nós a impressão de

nos encontrarmos diante de uma contradição entre sua afirmação com relação a necessidade do realismo do conhecimento (conhecimento como experiência direta e vital do encontro entre o sujeito e o objeto) e aquilo que ele diz a respeito da capacidade cognoscitiva inata e inconsciente que funciona independentemente do espaço físico no qual os fenômenos podem ser conhecidos. Como colocar juntas estas duas ideias, ambas centrais para a gnosiologia de Florenskij?

A resposta pode ser encontrada nas aulas que o pensador russo elaborou sobre o tema do espaço-tempo na arte (1923-1925). Nesse escrito, em um certo ponto da explicação, ele trata do tema da existência e do funcionamento dos chamados “campos de força”, elementos estruturais dos fenômenos do real que causam suas específicas determinações espacotemporais. Assim, à luz desta teoria, aquilo que sobre o plano especificamente ontológico é chamado de pontos de acesso aos reinos subterrâneos do ser — ou simplesmente chamados de “formas internas” — pode ser denominado e comparado no plano espacotemporal do real com os “campos de força”. São eles que determinam a curvatura da superfície do espaço de todos os fenômenos existentes e, por isso, também a velocidade do passar do tempo sobre a superfície. Ora, refletindo sobre os “campos de força”, Florenskij chega à conclusão de que eles só podem ser percebidos por aqueles que estruturalmente estão predispostos àquele determinado tipo de força. Essa constatação quanto ao funcionamento dos campos de força é fundamental. Observe-se, por exemplo, que a manifestação da existência ou não de um campo de força magnético depende da presença — nas proximidades — de um pedaço de ferro. Se esse elemento está presente, tal força se torna manifesta; do contrário, permanece escondida. Obviamente, aquilo que é verdadeiro no âmbito da força magnética é verdadeiro nos outros âmbitos dos campos de força, como é o caso daqueles mecânico-físicos (as ondas eletromagnéticas, a força de gravidade etc), os campos de força psicológicas (força do ódio, do amor etc.) e nos campos de força estético-artísticas (a força da beleza, da harmonia ou desarmonia) etc. Por conseguinte, para Florenskij vale a regra de que “nenhum objeto é capaz de receber a causa agente”, ou seja, um campo de força, se estruturalmente não está preparado para ela; se “não possui

em si mesma as condições receptivas que correspondam à natureza da força que ali age” (FLORENSKIJ, 1995, p. 45).

Mutatis mutandis se pode dizer que esta lei universal se verifica também quando os homens se aproximam dos fenômenos do real ou da natureza. Ou pelo menos poderia se verificar se os homens estivessem dispostos a escutar e interpretar a voz da própria interioridade, por meio da qual se manifestam as “formas”, as “ideias”, os “pontos” de acesso “aos reinos subterrâneos do ser” dos fenômenos observados. O olhar de Florenskij para a interioridade do ser humano coloca-nos não só diante de uma perspectiva epistemológica fundamental que nos permite o acesso à realidade de um modo complexo e profundo, mas sobretudo posiciona dimensões ontológicas da pessoa, que nos possibilita refletir sobre a condição humana. Nos campos da psicologia e da pedagogia, encontramo-nos na atualidade com modos de subjetivação que implicam achatamentos e reducionismos da pessoa humana, que levam ao esfacelamento e ao adoecimento do *ethos* humano. Florenskij, nos possibilita resgatar a memória dos fundamentos da pessoa humana, nos quais encontramos essa disponibilidade fundamental por meio da qual, o ser humano ao acessar a realidade não só reconhece as “vozes secretas” do mundo que o circunda, mas também, ao mesmo tempo, reestabelece a sanidade de seu ser. É necessário acrescentar que Florenskij, em particular na sua obra filosófico-teológica, ocupou-se muito do estudo das condições nas quais se verifica este tipo de experiência. O fruto das suas reflexões sobre este tema está presente na obra *La colonna e il fondamento della Verità* (1914), considerada por muitos estudiosos a pérola filosófica-teológica do século XX. Nela são tratados os fundamentos da espiritualidade do “pensamento complexo”, individuados à luz da Revelação trinitária da verdade sobre o mundo e sobre seu divino Criador.

As cartas, portanto, contêm a doutrina de Florenskij sobre o pensamento complexo. Na verdade, elas mesmas são a concretização desse modo de pensar. Trata-se de um verdadeiro e próprio testamento que o pensador russo deixa aos familiares e, por meio deles, para toda a humanidade. Assim, as cartas da prisão são um convite para elaborar uma fenomenologia simbólica em vista de um pensamento complexo. Sua

atualidade é, sem dúvida, a mesma, senão maior, com relação ao tempo na qual foram elaboradas. São cartas, redigidas com as mãos algemadas pelo sofrimento e terror, e seu conteúdo expressam as vivências de alguém que teve de transcorrer os últimos anos da vida em um dos mais cruéis e infernais *gulag* do século XX.

Referências

- FLORENSKIJ, P. A. **Non dimenticate mi**: le lettere dal gulag del grande matematico, filosofo e sacerdote russo. Milão: Oscar Mondadori, 2006.
- FLORENSKIJ, P. A. **Ai miei figli**: memorie di giorni passati. Milão: Oscar Mondadori, 2003.
- FLORENSKIJ, P. A. Obšečelovečeskie korni idealisma (filosofija narodov). In: FLORENSKIJ, P. A. **Sočinenija v četyrech tomach**. Moscou, Mysl', 1999a.
- FLORENSKIJ, P. A. **Il cuore cherubico**: scritti teologici e mistici. Casale Monferrato: Piemme, 1999b.
- FLORENSKIJ, P. A. **Lo spazio e il tempo nell'arte**. Milão: Adelphi, 1995.
- RICCARDI, A. **Il secolo del martirio**: I cristiani nel Novecento. Milão: Oscar Mondadori, 2000.
- SAFRA, G. **A po-ética na clínica contemporânea**. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.
- ŽAK, L. **Verità come ethos**: la teodiceia trinitaria di P. A. Florenskij. Roma: Città Nuova, 1998.

Recebido: 18/12/2013
Received: 12/18/2013

Aprovado: 25/02/2014
Approved: 02/25/2014